

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 22 - Maio de 2016

Presidente: Antonio Vianna



Presidente da AGECEF-BA, Antônio Vianna e diretores Paulo do Amor Divino e Antônio Messias em conversa com o presidente do Sindicato, Augusto Vasconcelos sobre a Caixa

Todos juntos contra a abertura de capital da Caixa



Assim como em 2015, os empregados da Caixa devem juntar forças contra a possibilidade de abertura de capital do banco

Gestores da Bahia marcam presença mais uma vez no CONECEF (Congresso dos Empregados da Caixa), em junho

Governo provisório de Michel Temer começa com a apresentação de propostas ruins para a sociedade

Página 3

Página 4

A mobilização deve ser de todos

EM ENTREVISTA ao presidente da AGECEF-BA (Associação dos Gestores da Caixa), Antonio Vianna, o presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Augusto Vasconcelos, faz uma importante análise para o futuro da Caixa, com a crise política brasileira e o governo interino de Michel Temer. O cenário é difícil e requer mobilização de todos.

ANTÔNIO VIANNA: Quais são as perspectivas com Gilberto Occhi à frente da Caixa?

AUGUSTO VASCONCELOS: O governo provisório, sem dúvida tem apontado para caminhos ruins em relação às estatais. Há uma compreensão de que as empresas públicas são ineficientes e que, portanto, devem ser entregues ao mercado e o futuro presidente do banco, Gilberto Occhi já declarou ser a favor da privatização.

ANTÔNIO VIANNA: Qual é a opinião do Sindicato diante de um futuro difícil?

AUGUSTO VASCONCELOS: Não concordamos com a opinião do governo Temer. Achamos o contrário. As estatais são fundamentais para o país. Inclui-se com atuação anticíclica como feito pela Caixa, quando reduziu o spread bancário, as tarifas e os juros no momento em que o Brasil mais necessitava. Isto só é possível em uma empresa que tem 100% de capital pertencente ao Estado. Se o capital for aberto podemos ter grandes

retrocessos, porque os interesses privados, que visam o lucro, vão passar a presidir a orientação da instituição.

ANTÔNIO VIANNA: Você está na Caixa desde 2004. Já foi da Comissão Executiva dos Empregados e hoje é presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia. Pode, portanto, falar dos avanços e problemas...

AUGUSTO VASCONCELOS: A empresa se fortaleceu na última década. Teve praticamente 40 mil novos empregos. Nos últimos três anos, verificamos uma redução no nível de postos de trabalho. Inclusive, estamos na Justiça cobrando a contratação dos aprovados no último concurso, mas reconhecemos que a Caixa cresceu na última década. A proposta de abertura de capital, apresentada pela presidenta Dilma no início do segundo mandato, foi derrotada pelos funcionários. Conseguimos uma grande mobilização que modificou a opinião do governo. No entanto, as ameaças não acabaram. Vieram com o PLS 555, que teve como autores

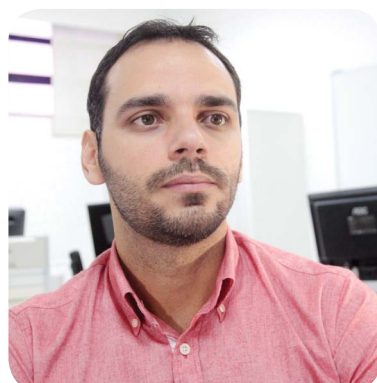
os senadores Tarso Jereissati e Aécio Neves (ambos do PSDB) e agora com o ataque direto da direção do banco, através de Gilberto Occhi.

ANTÔNIO VIANNA: Como deve ser a interlocução da Comissão Executiva dos Empregados com a nova direção?

AUGUSTO VASCONCELOS: Esperamos que não seja interrompida. Viveremos momentos difíceis. Há uma compreensão no atual governo de que as estatais representam um custo desnecessário para a máquina pública. Bem diferente da nossa opinião. As estatais são fundamentais para o desenvolvimento do país. Sem elas, o Estado perde instrumentos de indução na economia, que possibilitem que o Brasil atue sem sofrer tanto os reflexos da crise econômica internacional. Tem mais, a Caixa tem de ter um papel de atuação no mercado, para regulação dos juros, tarifas e o oferecimento de crédito para a população, mas, ao mesmo tempo, o banco cumpre função social de grande relevância, como os programas Minha Casa, Minha Vida, o Fies e a administração do FGTS.

ANTÔNIO VIANNA: E a expectativas para o próximo período?

AUGUSTO VASCONCELOS: Os trabalhadores devem sofrer grandes ataques, não só nos direitos trabalhistas e previdenciários, mas também questões do dia a dia do funcionamento da empresa. No entanto, vamos resistir e enfrentar qualquer tentativa



Augusto Vasconcelos, do SBBA

de retrocesso. Não admitimos que a instituição financeira vire às costas para os funcionários. O momento é difícil, mas também é de resistência e nesses cenários os empregados da Caixa e dos demais bancos deram provas de que têm grande capacidade de mobilização. A gente tem consciência de que o país vive em grave crise econômica e política. Uma presidenta que não tem crime de responsabilidade sofre processo de *impeachment*. Assumiu um governo que não tem compromisso com os setores menos favorecidos da população e é óbvio que isso vai impactar no modelo de gestão da Caixa.

ANTÔNIO VIANNA: É possível impedir perdas com mobilização?

AUGUSTO VASCONCELOS: Nenhuma conquista veio de graça na Caixa. Tudo foi fruto de muita mobilização. Mas, é inegável que o ambiente de preservação da democracia e da institucionalidade facilita conquistas, enquanto que em momentos de exceção, como vivemos, dificulta. Até porque a pauta apresentada pelo governo Temer tem características neoliberais, que visam diminuir a força dos trabalhadores. Isso vai impactar, sem dúvidas, nas campanhas salariais e nas negociações permanentes.

Participar ativamente da vida da FUNCEF: uma necessidade

Por: Antônio Vianna, Presidente da AGECEF-BA

Vivemos tempos de mudanças de comportamento em relação à FUNCEF, de fato? A indagação, felizmente, passou a fazer parte do cotidiano dos participantes dos diversos planos de previdência administrados pela FUNCEF. Poderia ser um felizmente com letras maiúsculas, não fossem as atuais circunstâncias em que vive a Fundação, mas de toda forma, é importante a mudança de postura, haja vista que estamos em um momento em que, a partir da demonstração do interesse coletivo, certamente haverá por parte dos administradores e conselheiros eleitos maior preocupação em tentar acertar nas ações e decisões importantes para FUNCEF e para os seus participantes. Essa é, pelo menos no nosso entendimento, uma teoria válida ouvida e exposta durante o processo eleitoral neste mês de maio.

A mera participação como votantes no último pleito não nos garante a manutenção do interesse em questões futuras e importantes da FUNCEF. Viveremos momentos de indefinição na política do País e não temos como prever as ações e intervenções que são típicas dos governos nas Fundações das estatais. Afinal, temos um patrimônio que atrai muito a atenção para determinadas investidas visando usar recursos dessas entidades em negócios que nem sempre são os mais adequados ao conjunto de participantes.

Passadas as eleições, devemos utilizar esse despertar do interesse dos participantes como um bom exemplo de que é possível ter um novo ponto de partida para voltarmos os olhares às questões que dizem respeito à FUNCEF. Todos comemoraram a marca de 70.815 participantes que compareceram às "urnas", 52,4% do total dos 135.202 aptos a votar. Efetivamente, esse é um bom motivo para comemorar, pois é a segunda maior marca desde 2002, quando a participação dos empregados passou a existir, resultado de muita luta. A nossa expectativa era uma pouco além dessa marca, devido à insatisfação e preocupação provocadas pelos sucessivos resultados negativos divulgados. O que antes eram apenas ameaças, hoje se configura em realidade e a conta já nos foi apresentada. Mas, ao mesmo tempo, mesmo com essa constatação, muitas pessoas ainda não tem a exata medida do seu poder de participação e de protagonismo nas mudanças que o cenário requer. Não que essa análise esteja restrita à questão do déficit e seu equacionamento, apenas referimo-nos ao fato como exemplo extremo de como podemos estar desatentos ao momento.

A AGECEF-BA faz a sua parte, incentivando o debate em torno das questões prioritárias na gestão da FUNCEF. Criando espaços na sua comunicação com os associados e demais segmentos internos da Caixa. Coluna específica no site www.agecefbba.com.br traz sempre informações atualizadas sobre o tema e ainda criou um grupo interno para melhor compreender esse complexo mundo dos negócios. Acreditamos no trabalho constante de conscientização dos nossos colegas quanto à necessidade de participar mais ativamente da vida da Fundação e podemos nos permitir uma primeira comemoração, fruto desse trabalho. No âmbito nacional, o percentual de votantes foi de 52,4%, na Bahia atingimos a marca de 72,4%, ou seja, dos 4.626 habilitados a votar, 3.348 cumpriram a sua tarefa para o sucesso das eleições e para interceder no futuro da FUNCEF. Nosso reconhecimento aos colegas que entenderam o seu papel e deram o seu recado, independentemente da chapa contemplada com o seu voto!

A AGECEF-BA apoiou a Chapa 2 – Gestão e Participação, terceira colocada com 11.964 votos e que na Bahia foi a mais votada, obtendo 888 destes. Parabéns à Chapa 7 – Controle e Resultado, vitoriosa com 21.225 votos. Esperamos que os nossos novos representantes façam uma boa gestão. A AGECEF-BA também se coloca à inteira disposição para contribuir com ideias e esforços para a construção de uma FUNCEF melhor.

AGECEF-BA se prepara para o 32º CONECEF

Acontece, entre os dias 17 e 19 de junho, em São Paulo, o 32º Conecef (Congresso Nacional dos Empregados da Caixa Econômica Federal). Um momento importante da organização dos bancários. A partir das discussões será definida a minuta a ser negociada com a empresa.

No evento, a delegação baiana apresenta a pauta, que contém 334 reivindicações, definida por 99 bancários (39 do interior e 60 de Salvador), durante o Encontro Estadual da Caixa, no dia 14 de maio, na capital baiana.

Na oportunidade, foram eleitos 21 representantes da Bahia. A AGECEF-BA envia quatro: os diretores Antonio Messias, Paulo do Amor Divino (delegados), Karen Guimarães e Luciano Talavera (suplentes).

No Conecef serão debatidos assuntos como: Organização do Movimento; Caixa 100% Pública; Saúde do Trabalhador/Condições de Trabalho; Estrutura das Unidades; Saúde Caixa; FUNCEF; Aposentados; Segurança; Jor-



Encontro Estadual da Caixa

nada; Sipon (Sistema de Ponto Eletrônico); Isonomia; Carreira; Terceirização; Contratação; GDP (Gestão de Desempenho de Pessoas); e Reestruturação.

Distribuição de grupos

No Congresso, os delegados e observadores se dividem em cinco grupos de trabalho, distribuídos da seguinte forma: Grupo 1 (Saúde do trabalhador, Condições de Trabalho, Saúde Caixa e GDP), Grupo 2 (Funcef, Aposentados e PREVHAB), Grupo 3 (Segurança, Infraestrutura das Unidades e Terceirização), Grupo 4 (Caixa 100% Pública, Contratação, Sipon e Jornada) e Grupo 5 (Isonomia, Carreira e Reestruturação).



Agecef envia dois delegados e dois suplentes para o Conecef



Pressão contra a privatização da Caixa volta com força total

Medidas do governo Michel Temer

Em menos de um mês, o governo Michel Temer (PMDB) anunciou medidas consideradas an-

tipopulares que prejudicam o trabalhador. Em contrapartida, satisfazem o capital rentista e

especulador. As iniciativas significam um recuo de mais de três décadas em termos de política

econômica. Os empregados da Caixa também sofrem com possíveis retrocessos.

Privatizações à vista

A Medida Provisória 727/2016, editada um dia após o afastamento da presidente Dilma Rousseff, cria o PPI (Programa de Parcerias de Investimentos). Trata de parcerias entre Estado e iniciativa privada e de contratos de concessão relacionados a infraestrutura. A MP reiniciou o Programa Nacional de Desestatização, de 1997. Na prática, abrem caminho para a privatização das empresas, inclusive instituições financeiras - controladas direta ou indiretamente pela União.



Cortes drásticos nos programas sociais

Se colocar em prática as propostas do programa Travessia Social - Uma ponte para o futuro, o governo Temer deve excluir 10,5 milhões de famílias do Bolsa Família. Só na Bahia seriam 1,3 milhão de famílias excluídas. Além disso, o presidente interino vai acabar com os subsídios concedidos aos mutuários mais pobres do Minha Casa Minha

Vida. O programa habitacional deixará de receber recursos do Tesouro Nacional para subsidiar as famílias enquadradas na faixa 1 (renda de até R\$ 1.800) — às quais as residências são praticamente doadas — e na faixa 2 (até R\$ 3.600) — cujas prestações são bastante reduzidas, facilitando a quitação do financiamento.



População carente sente na pele as políticas de Michel Temer

Reforma da Previdência. Um retrocesso

Anunciada como prioridade, a reforma da Previdência tem o objetivo de estipular idade mínima de 65 anos para que homens e mulheres possam requerer a aposentadoria e extinguir a concessão de reajuste acima da inflação para o piso.



Reforma da Previdência quer aumentar a idade para aposentar

Entrega do pré-sal

O projeto do ministro das Relações Exteriores, José Serra, tem intenção de acabar com a obrigatoriedade de a Petrobras ser a única operadora do pré-sal e de ter participação mínima de 30% nos campos licitados. Entregar as operações para as multinacionais. É o primeiro passo para acabar com o regime de partilha.



Petrobras também ameaçada

Terceirização liberada

O ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, afirmou ser favorável à regulamentação da terceirização, mesmo nas atividades-fim. Se o projeto de lei, hoje em tramitação na Câmara Federal, for aprovado, haverá precarização do trabalho. Os prestadores de serviço recebem, em média, 24,7% menos e trabalham 3 horas a mais.



Protesto pela saúde pública

Limite às despesas de saúde e educação

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, quer estabelecer um teto para os gastos públicos, limitado à inflação do ano anterior. Limitará os gastos com Saúde e Educação, previstos na Constituição. O ministro da Saúde, Ricardo Barros, chegou a dizer que o SUS está sobrecarregado.